

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO XII – Amai os vossos inimigos

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

Índice

Capítulo XII – Amai os vossos inimigos	03
Retribuir o mal com o bem	03
Retribuir o mal com o bem	10
Pagar o mal com o bem	11
Os inimigos desencarnados	04
Tramas do destino	12
Nem anula, nem simplifica	13
Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra	05
O poder do perdão	15
O que é capaz de fazer aquele que não perdoa	18
Instruções dos Espíritos	
A vingança	06
Nos domínios da mediunidade	19
Vingança	20
Instruções dos Espíritos	
O ódio	06
Amor e ódio	22
Um sonho sobre a raiva e o perdão	23
Instruções dos Espíritos	
O duelo	06
O Livro dos Espíritos	24
Revue Spirite de 1862	26
Dissertações Espíritas – (Allan Kardec)	
O duelo	

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec Capítulo XII – Amai os vossos inimigos

1. Retribuir o mal com o bem

1. Aprendestes que foi dito: “Amareis o vosso próximo e odiareis os vossos inimigos.” Eu, porém, vos digo: “Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam, a fim de serdes filhos do vosso Pai que está nos céus e que faz se levantar o Sol para os bons e para os maus e que chova sobre os justos e os injustos. — Porque, se só amardes os que vos amam, qual será a vossa recompensa? Não procedem assim também os publicanos? Se apenas os vossos irmãos saudardes, que é o que com isso fazeis mais do que os outros? Não fazem outro tanto os pagãos?” (S. MATEUS, cap. V, vv. 43 a 47.)

“Digo-vos que, se a vossa justiça não for mais abundante que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no reino dos céus.”(S. MATEUS, cap. V, v. 20.)

2. “Se somente amardes os que vos amam, que mérito se vos reconhecerá, uma vez que as pessoas de má vida também amam os que os amam? — Se o bem somente o fizerdes aos que vo-lo fazem, que mérito se vos reconhecerá, dado que o mesmo faz a gente de má vida? — Se só emprestardes àqueles de quem possais esperar o mesmo favor, que mérito se vos reconhecerá, quando as pessoas de má vida se entreejudam dessa maneira, para auferir a mesma vantagem? Pelo que vos toca, amai os vossos inimigos, fazei bem a todos e auxiliai sem esperar coisa alguma. Então, muito grande será a vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo, que é bom para os ingratos e até para os maus. — Sede, pois, cheios de misericórdia, como cheio de misericórdia é o vosso Deus.”
(S. LUCAS, cap. VI, vv. 32 a 36.)

3. Se o amor do próximo constitui o princípio da caridade, amar os inimigos é a mais sublime aplicação desse princípio, porquanto a posse de tal virtude representa uma das maiores vitórias alcançadas contra o egoísmo e o orgulho.

Entretanto, há geralmente equívoco no tocante ao sentido da palavra amar, neste passo. Não pretendeu Jesus, assim falando, que cada um de nós tenha para com o seu inimigo a ternura que dispensa a um irmão ou amigo. A ternura pressupõe confiança; ora, ninguém pode depositar confiança numa pessoa, sabendo que esta lhe quer mal; ninguém pode ter para com ela expansões de amizade, sabendo-a capaz de abusar dessa atitude. Entre pessoas que desconfiam umas das outras, não pode haver essas manifestações de simpatia que existem entre as que comungam nas mesmas ideias. Enfim, ninguém pode sentir, em estar com um inimigo, prazer igual ao que sente na companhia de um amigo.

A diversidade na maneira de sentir, nessas duas circunstâncias diferentes, resulta mesmo de uma lei física: a da assimilação e da repulsão dos fluidos. O pensamento malévolos determina uma corrente fluídica que impressiona penosamente. O pensamento benévolo nos envolve num agradável eflúvio. Daí a diferença das sensações que se experimenta à aproximação de um amigo ou de um inimigo. Amar os inimigos não pode, pois, significar que não se deva estabelecer diferença alguma entre eles e os amigos. Se este preceito parece de difícil prática, impossível mesmo, é apenas por entender-se falsamente que ele manda se dê no coração, assim ao amigo, como ao inimigo, o mesmo lugar. Uma vez que a pobreza da linguagem humana obriga a que nos sirvamos do mesmo termo para exprimir matizes diversos de um sentimento, à razão cabe estabelecer as diferenças, conforme aos casos.

Amar os inimigos não é, portanto, ter-lhes uma afeição que não está na natureza, visto que o contacto de um inimigo nos faz bater o coração de modo muito diverso do seu bater, ao contacto de um amigo. Amar os inimigos é não lhes guardar ódio, nem rancor, nem desejos de vingança; é perdoar-lhes, sem pensamento oculto e sem condições, o mal que nos causem; é não opor

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

nenhum obstáculo a reconciliação com eles; é desejar-lhes o bem e não o mal; é experimentar júbilo, em vez de pesar, com o bem que lhes advenha; é socorrê-los, em se apresentando ocasião; é abster-se, quer por palavras, quer por atos, de tudo o que os possa prejudicar; é, finalmente, retribuir-lhes sempre o mal com o bem, sem a intenção de os humilhar. Quem assim procede preenche as condições do mandamento: Amai os vossos inimigos.

4. Amar os inimigos é, para o incrédulo, um contrassenso. Aquele para quem a vida presente é tudo, vê no seu inimigo um ser nocivo, que lhe perturba o repouso e do qual unicamente a morte, pensa ele, o pode livrar. Daí, o desejo de vingar-se. Nenhum interesse tem em perdoar, senão para satisfazer o seu orgulho perante o mundo. Em certos casos, perdoar-lhe parece mesmo uma fraqueza indigna de si. Se não se vingar, nem por isso deixará de conservar rancor e secreto desejo de mal para o outro.

Para o crente e, sobretudo, para o espírita, muito diversa é a maneira de ver, porque suas vistas se lançam sobre o passado e sobre o futuro, entre os quais a vida atual não passa de um simples ponto. Sabe ele que, pela mesma destinação da Terra, deve esperar topar aí com homens maus e perversos; que as maldades com que se defronta fazem parte das provas que lhe cumpre suportar e o elevado ponto de vista em que se coloca lhe torna menos amargas as vicissitudes, quer advenham dos homens, quer das coisas. Se não se queixa das provas, tampouco deve queixar-se dos que lhe servem de instrumento. Se, em vez de se queixar, agradece a Deus o experimentá-lo, deve também agradecer a mão que lhe dá ensejo de demonstrar a sua paciência e a sua resignação. Esta ideia o dispõe naturalmente ao perdão. Sente, além disso, que quanto mais generoso for, tanto mais se engrandece aos seus próprios olhos e se põe fora do alcance dos dardos do seu inimigo.

O homem que no mundo ocupa elevada posição não se julga ofendido com os insultos daquele a quem considera seu inferior. O mesmo se dá com o que, no mundo moral, se eleva acima da humanidade material. Este compreende que o ódio e o rancor o aviltariam e rebaixariam. Ora, para ser superior ao seu adversário, preciso é que tenha a alma maior, mais nobre, mais generosa do que a desse último.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

Crônicas e Artigos

Nº 369 – 29/06/2014

O Consolador – (Aylton Paiva)

I. Retribuir o mal com o bem

Retribuir o mal com o bem

Após a palestra sobre o tema: **“amais os vossos inimigos”** comentou-se:

P. Será possível amar o inimigo? O que Jesus, de fato, teria querido dizer com essas palavras? Eu acho muito difícil alguém amar o inimigo, considerando-se que inimigo é alguém que nos fez muito mal.

O que você pensa a respeito?

R. Sem dúvida, é uma proposta muito complicada. De modo geral, o sentimento amor pressupõe confiança, afinidade, reciprocidade, carinho, zelo e outras qualidades nobres.

P. Pois é. Como será possível ter esses sentimentos relativamente à pessoa que nos magoou, feriu, traiu...

R. Vamos considerar o seguinte – a palavra amor não caracteriza um único sentimento, mas abrange um leque de manifestações sentimentais.

Nesse contexto temos: o amor maternal, o amor paternal, o amor fraternal, o amor erótico, o amor solidário, o amor compaixão.

P. Ah, bom, assim a situação já muda um pouco. Agora, como enquadrar, então, o amor ao inimigo? Prossegui, em direção à compreensão.

R. Vamos buscar a orientação de Allan Kardec, quando nos diz: “Se o amor ao próximo constitui o princípio da caridade, amar os inimigos é a mais sublime aplicação desse princípio, porquanto a posse de tal virtude representa uma das maiores vitórias alcançadas contra o egoísmo e o orgulho.

Entretanto, há geralmente equívoco no tocante ao sentido da palavra **amar**, nesse passo.

Não pretendeu Jesus, assim falando, que cada um de nós tenha parta com seu inimigo a ternura que dispensa a um irmão ou amigo.

A ternura pressupõe confiança: ora, ninguém pode depositar confiança numa pessoa, sabendo que esta lhe quer mal; ninguém pode ter para com ela expansões de amizade, sabendo-a capaz de abusar dessa atitude.

Entre pessoas que desconfiam umas das outras, não pode haver essas manifestações de simpatia que existem entre as que comungam nas mesmas ideias. Enfim, ninguém pode sentir, em estar com um inimigo, prazer igual ao que sente na companhia de um amigo.

P. Agora já passa a ter sentido, para mim, esse **“amar o inimigo.”**

R. Sim – amar o inimigo é compreender a sua forma de agir, opondo-se lhe resistência ao mal que nos pretenda fazer, porém sem querer, por outro lado, praticar o mal em revide.

Esclarece – mais adiante Kardec: **“Amar os inimigos é não lhes guardar ódio, nem rancor, nem desejo de vingança;”**

O inimigo por si só já está em péssima situação, pois quem nutre tal sentimento não poderá ter a tranquilidade e a felicidade, e, **“amando-o”**, você não estará ligado a ele pelos terríveis elos do ódio.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

Crônicas e Artigos

Nº 28 – 26/10/2007

O Consolador – (Leonardo Machado)

I. Retribuir o mal com o bem

Pagar o mal com o bem

Em uma cela, na prisão de Atenas, o velho Critão, figura exaltada e muito admiradora do amigo Sócrates, ia ter com o sábio grego, que, àquela altura, encontrava-se encarcerado à espera da execução de sua sentença: a morte através da cicuta, veneno letal.

Na realidade, ele não conseguia entender a postura do amigo que não reagia diante da situação em que se encontrava.

“Como o filósofo podia aceitar semelhante injustiça?” – pensava, talvez, Critão... Nesse sentido, ele obtemperou:

– Dá-me ouvido e põe-te a salvo. Não é muito dinheiro que certas pessoas querem receber para levar-te daqui e salvar-te. Os meus haveres estão a tua disposição, além dos outros estrangeiros, como Símiás e Cebes, que não hesitariam em ajudar-te a sair.

Vamos, resolve-te.

Sócrates, paciente que era, observava o discurso do fiel, porém inadvertido amigo. E, ao término do mesmo, falaria tais verdades sublimes:

– Meu caro Critão, jamais se deve proceder contra a justiça. Não se deve retribuir a injustiça com a injustiça, pois o procedimento injusto é sempre inadmissível.

Lembra-te, ainda, que entre fazer um mal a uma pessoa e cometer uma injustiça não há diferença nenhuma. Sendo assim, em suma, não devemos retribuir a injustiça, nem fazer o mal a pessoa alguma, seja qual for o mal que ela nos cause.

Devo partir, mesmo que vítima da justiça, não a real, mas a dos homens.

Se, porém, evadir-me, retribuindo vergonhosamente a injustiça com a injustiça, o dano com o dano, estarei indigno, e, lá nas Leis do Hades, não haverão de me acolher com benevolência.

Procedamos, pois, pagando o mal com o bem, porque tal é o caminho por onde a divindade nos guia.

Com essas palavras, Sócrates veio preludiar a doutrina de pagar o mal com bem.

E, lembrando a questão 887 de O Livro dos Espíritos, na qual se encontra que “amar os inimigos é perdoar-lhes e lhes retribuir o mal com o bem”, pode-se afirmar, com certeza, que tais ensinamentos dirigidos a Critão e à humanidade são, na realidade, o prelúdio para o Sermão do Monte de Jesus, quando, então, o Mestre maior diria que era preciso dar a face esquerda quando nos batessem na direita; que não bastava amar os amigos, mas que era preciso, também, amar os inimigos, conforme anota o evangelista Mateus (5:39 e 44).

Na vida, desse modo, é bem provável que nos cheguem muitas pedras pelo caminho. Mesmo quando estivermos imbuídos de total desinteresse no serviço do amor, é bem natural que, aí também, aproximem-se de nós a calúnia, o julgamento superficial e a inveja, tão somente por querermos construir a nossa estrada de redenção, enquanto outros, por padecerem da falta de entendimento, se demorem ainda em atitudes pequenas, mesmo que disfarçadas.

Mas se os homens deram ao sábio a cicuta e ao Mestre maior a cruz, o que poderíamos esperar receber? A compreensão? De fato, ilusão.

Entretanto, nem nesses momentos devemos parar no caminho. Ao contrário, devemos construir essa nossa estrada com essas pedras que nos atiram, retribuindo, desse modo, o mal com o bem, como ensinara o filósofo e sublimara o Cristo.

Continuemos, pois.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

2. Os inimigos desencarnados

5. Ainda outros motivos, têm o espírita para ser indulgente com os seus inimigos. Sabe ele, primeiramente, que a maldade não é um estado permanente dos homens; que ela decorre de uma imperfeição temporária e que, assim como a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau reconhecerá um dia os seus erros e se tornará bom.

Sabe também que a morte apenas o livra da presença material do seu inimigo, pois que este o pode perseguir com o seu ódio, mesmo depois de haver deixado a Terra; que, assim, a vingança, que tome, falha ao seu objetivo, visto que, ao contrário, tem por efeito produzir maior irritação, capaz de passar de uma existência a outra. Cabia ao Espiritismo demonstrar, por meio da experiência e da lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, que a expressão: extinguir o ódio com o sangue é radicalmente falsa, que a verdade é que o sangue alimenta o ódio, mesmo no além-túmulo. Cabia-lhe, portanto, apresentar uma razão de ser positiva e uma utilidade prática ao perdão e ao preceito do Cristo: Amai os vossos inimigos. Não há coração tão perverso que, mesmo a seu mau grado, não se mostre sensível ao bom proceder. Mediante o bom procedimento, tira-se, pelo menos, todo pretexto às represálias, podendo-se até fazer de um inimigo um amigo, antes e depois de sua morte. Com um mau proceder, o homem irrita o seu inimigo, que então se constitui instrumento de que a justiça de Deus se serve para punir aquele que não perdoou.

6. Pode-se, portanto, contar inimigos assim entre os encarnados, como entre os desencarnados. Os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência pelas obsessões e subjugações com que tanta gente se vê a braços e que representam um gênero de provações, as quais, como as outras, concorrem para o adiantamento do ser, que, por isso, as deve receber com resignação e como consequência da natureza inferior do globo terrestre. Se não houvesse homens maus na Terra, não haveria Espíritos maus ao seu derredor. Se, conseguintemente, se deve usar de benevolência com os inimigos encarnados, do mesmo modo se deve proceder com relação aos que se acham desencarnados.

Outrora, sacrificavam-se vítimas sangrentas para aplacar os deuses infernais, que não eram senão os maus Espíritos. Aos deuses infernais sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O Espiritismo demonstra que esses demônios mais não são do que as almas dos homens perversos, que ainda se não despojaram dos instintos materiais; que ninguém logra aplacá-los, senão mediante o sacrifício do ódio existente, isto é, pela caridade; que esta não tem por efeito, unicamente, impedi-los de praticar o mal e, sim, também o de os reconduzir ao caminho do bem e de contribuir para a salvação deles. É assim que o mandamento: Amai os vossos inimigos não se circunscreve ao âmbito acanhado da Terra e da vida presente; antes, faz parte da grande lei da solidariedade e da fraternidade universais.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

Estudando as obras de Manoel Philomeno de Miranda II. Os inimigos desencarnados

Nº 258 – 29/04/2012

O Consolador – (Thiago Bernardes)

Tramas do destino

P. Ante a sanha dos inimigos desencarnados, como deve agir o espírita?

R. Sabemos dos constrangimentos decorrentes do ódio entre desencarnados, que se atiram, tresloucados, uns contra os outros.

O espírita não está isento de tais inimigos, pelos quais deve envidar esforços espirituais, a fim de os dulcificar e aplacar-lhes a ira, mediante exemplos de renovação e humildade, elevação pelo trabalho nobre e aprendizagem das técnicas iluminativas e salutares, bem como de estudos e conversações edificantes, que podem induzir os que os odeiam a mudar de comportamento, realizando a edificação própria.

P. Qual é o único antídoto realmente eficiente ante o mal?

R. O amor é o único eficiente antídoto ante qualquer mal. Sintetizando no amor os deveres e aspirações que nos devemos impor, Jesus foi peremptório, em sua inapelável sabedoria: “Amai os vossos inimigos.” Pacificar-se com os inimigos, enquanto se está no caminho com eles, é medida de urgência. Ideal, portanto, não ter inimigos, não estar contra ninguém, não se rebelar.

Se alguém não nos quer bem, o problema é dele; porém, se damos motivo para que tal ocorra, já é nosso o problema.

P. É certo dizer que o sofrimento é uma pena imposta pela Divindade?

R. Não. O sofrimento e a soledade não são impostas pela Divindade; antes constituem corrigenda salvadora, com que a criatura se arma para cometimentos elevados.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

Crônicas e Artigos

Nº 357 – 06/04/2014

O Consolador – (Orson Peter Carrara)

II. Os inimigos desencarnados

Nem anula nem simplifica

O dinâmico processo de viver, aprender, progredir e, especialmente, aprimorar-se no intelecto e na moralidade, estabeleceu valiosas experiências nos relacionamentos com terceiros e, claro, consigo mesmo, na individualidade.

Afinal, o amadurecimento psicológico emocional é fator preponderante para o equilíbrio diante dos gigantescos desafios de viver em harmonia.

Especialmente se pensarmos na velha questão do autoencontro, pois que muitos de nós nos esmeramos em diversas atividades para além da própria intimidade, auxiliando muita gente, distribuindo conhecimento, e nos esquecemos de auxiliar a nós mesmos.

A maior tarefa é a da autoeducação, do autoaprimoramento. Somos pródigos no aconselhamento para terceiros e nos debatemos em aflições quando as adversidades nos atingem diretamente, esquecendo-nos de que o que falamos deveríamos usar primeiro em favor próprio, equilibrando as próprias emoções.

Dentre os fatores do dinamismo da vida está a transformação trazida pelo fenômeno biológico da morte. É um fenômeno natural, integrante desse processo todo, uma vez que somos mortais apenas no corpo, pois que imortais como seres inteligentes.

As conquistas e dificuldades continuam, pois. Ela, a morte, não anula, nem simplifica as dificuldades, uma vez que levamos o equilíbrio ou a desarmonia interior, conosco.

Uma vida moral e emocionalmente equilibrada desde já resultará num Espírito desencarnado também equilibrado. Uma mente, por sua vez, emocional e moralmente desequilibrada, levará para a vida espiritual um indivíduo desequilibrado, requerendo as mesmas providências que nos são exigidas continuamente durante a vida corpórea.

Tais reflexões são resultantes da leitura do livro **Tramas do Destino** psicografia de Divaldo Franco e de autoria de Manoel Philomeno de Miranda – capítulo 15 – edição FEB.

Afirmando o autor no citado capítulo:

“Não sendo a morte outra coisa senão um instrumento de vida estuante em toda parte, a desencarnação não anula, nem simplifica as dificuldades. Cada um se desenrola dos liames físicos, consoante a força vitalizadora de que se utilizava na sua sustentação. Transferem-se de uma para a outra posição da realidade espiritual os sentimentos cultivados, as aspirações irrealizadas, as fixações, os resíduos morais....

Cada um desencarna conforme se encontra reencarnado. Os conflitos não equacionados, como os ódios e os amores, prosseguem com maior volúpia.”

Por isso é importante o esforço desde já no equacionamento dos conflitos que ainda trazemos, nos distúrbios emocionais e psicológicos, arejando a mente com os recursos valiosos da alegria de viver, da confiança em Deus, da resignação ativa e do trabalho no bem.

E isso pode começar, com uma virtude sempre esquecida: a gratidão. Sim, a gratidão, que é valioso ponto de apoio ou alavanca incomparável para início dessa trajetória de progresso.

Aprendermos a agradecer. Há muitas razões para isso, basta parar para pensar um pouco.

Por isso, a valiosa informação no mesmo capítulo: **“O conhecimento da vida espiritual representa valiosa aquisição para a responsabilidade e a ascensão do indivíduo.”**

A ascensão e a responsabilidade individuais são conquistas da alma, determinadas pela Sabedoria Divina, por meio da Lei do Progresso.

Viver é, pois, prosseguir aprendendo.

Muitos, diante dos desafios, desejam fugir da vida e dos desafios.

Alguns se entregam ao equívoco do suicídio ou à perda do encantamento pelas maravilhas da vida e suas riquezas.

Não adiante. A lei da vida é dinâmica e nos determina o progresso contínuo. Por isso, acionemos a poderosa alavanca da vontade, levantemo-nos de nossas fraquezas e sigamos adiante.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

A morte não muda o que somos, e como diz o autor espiritual na obra em referência, não anula nem simplifica as dificuldades.

Essas deverão ser superadas com contínuo aprendizado decorrente dos enfrentamentos inevitáveis da evolução.

Com clareza do pensamento espírita, nossa gratidão à fabulosa e incomparável obra da Codificação Espírita, de Allan kardec.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

3. Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra.

7. Aprendestes que foi dito: olho por olho e dente por dente. — Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal que vos queiram fazer; que se alguém vos bater na face direita, lhe apresenteis também a outra; — e que se alguém quiser pleitear contra vós, para vos tomar a túnica, também lhes entregueis o manto; — e que se alguém vos obrigar a caminhar mil passos com ele, caminheis mais dois mil. — Dai àquele que vos pedir e não repilais aquele que vos queira tomar emprestado.

(S. MATEUS, cap. V, vv. 38 a 42.)

8. Os preconceitos do mundo sobre o que se convencionou chamar “ponto de honra” produzem essa suscetibilidade sombria, nascida do orgulho e da exaltação da personalidade, que leva o homem a retribuir uma injúria com outra injúria, uma ofensa com outra, o que é tido como justiça por aquele cujo senso moral não se acha acima do nível das paixões terrenas. Por isso é que a lei mosaica prescrevia: olho por olho, dente por dente, de harmonia com a época em que Moisés vivia. Veio o Cristo e disse: Retribui o mal com o bem. E disse ainda: “Não resistais ao mal que vos queiram fazer; se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe a outra.” Ao orgulhoso este ensino parecerá uma covardia, porquanto ele não compreende que haja mais coragem em suportar um insulto do que em tomar uma vingança, e não compreende, porque sua visão não pode ultrapassar o presente.

Dever-se-á, entretanto, tomar ao pé da letra aquele preceito? Tampouco quanto o outro que manda se arranque o olho, quando for causa de escândalo. Levado o ensino às suas últimas consequências, importaria ele em condenar toda repressão, mesmo legal, e deixar livre o campo aos maus, isentando-os de todo e qualquer motivo de temor. Se se lhes não pusesse um freio as agressões, bem depressa todos os bons seriam suas vítimas. O próprio instinto de conservação, que é uma lei da Natureza, obsta a que alguém estenda o pescoço ao assassino. Enunciando, pois, aquela máxima, não pretendeu Jesus interdizer toda defesa, mas condenar a vingança. Dizendo que apresentemos a outra face àquele que nos haja batido numa, disse, sob outra forma, que não se deve pagar o mal com o mal; que o homem deve aceitar com humildade tudo o que seja de molde a lhe abater o orgulho; que maior glória lhe advém de ser ofendido do que de ofender, de suportar pacientemente uma injustiça do que de praticar alguma; que mais vale ser enganado do que enganador, arruinado do que arruinar os outros. É, ao mesmo tempo, a condenação do duelo, que não passa de uma manifestação de orgulho. Somente a fé na vida futura e na justiça de Deus, que jamais deixa impune o mal, pode dar ao homem forças para suportar com paciência os golpes que lhe sejam desferidos nos interesses e no amor-próprio. Daí vem o repetirmos incessantemente: Lançai para diante o olhar; quanto mais vos elevardes pelo pensamento, acima da vida material, tanto menos vos magoarão as coisas da Terra.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

Crônicas e Artigos

Nº 334 – 20/10/2013

O Consolador – (André Luiz Alves Jr.)

III. Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra

O poder do perdão

“Se perdoardes aos homens as ofensas que vos fazem, também vosso Pai Celestial vos perdoará os vossos pecados.”

(Mateus, VI: 14)

Moisés, através de sua mediunidade revelou a Lei de Talião (olho por olho, dente por dente) a um povo ainda dominado pelos instintos bárbaros. Havia a necessidade de associar as Leis de Deus, pois era a única forma de conter a perversidade humana naqueles tempos.

Posteriormente surge um novo Messias que trazia consigo ideias renovadoras, com o objetivo de complementar a lei.

Há dois mil anos, Jesus já ensinava a seus discípulos a prática do perdão:

“Vocês ouviram o que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, lhes digo: Não se vinguem dos que lhes fazem mal. Se alguém lhe bater na face direita, ofereça-lhe também a outra.”

(Mateus, 5:38-39.)

Na época, o Nazareno foi pouco compreendido. Os representantes do judaísmo não conseguiam assimilar como o Cristo e seus adeptos sofreram todas as humilhações que lhe foram impostas, sem revidar. Passaram-se dois milênios e ainda hoje permanece conosco a dificuldade em compreender e colocar em prática os ensinamentos do Mestre. Saber perdoar de forma sincera, talvez, seja um dos maiores desafios da nossa jornada evolutiva.

O que é o Perdão?

Perdão é o mesmo que desculpar, absolver, livrar alguém da culpa de um ato considerado ofensivo ou inadequado. É proporcionar ao ofensor a oportunidade do arrependimento e da corrigenda e, sobretudo, oportunizar a si mesmo o alívio do peso da mágoa e do rancor.

Por que temos dificuldade em perdoar?

Ainda somos Espíritos imperfeitos, daí a nossa dificuldade em perdoar. Muitas vezes somos verdugos impiedosos daqueles que nos rodeiam, entretanto, quando nos tornamos vítimas, a nossa dor parece infundável e maior do que a dor que podemos provocar em outrem, ao ponto de nos acharmos injustiçados.

Quando erramos e reconhecemos o nosso erro, desejamos receber o perdão daquele que foi vitimado por nós, todavia, muitas vezes não somos capazes de perdoar. Há uma dificuldade muito grande em se colocar no lugar do outro.

Esquecemos que somos falíveis e costumamos apontar os erros alheios. Falta-nos compreensão e tolerância.

O poder do perdão.

“Senhor quantas vezes poderá pecar meu irmão contra mim, para que eu lhe perdoe? Será até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.”

(Mateus, XVIII: 15, 21 e 22.)

Perdoar faz bem para o corpo e para a alma. Todos nós almejamos a felicidade e para ser feliz é necessário viver em harmonia buscando a paz interior. Para isso é necessário manter a consciência tranquila e o coração livre de sentimentos negativos como ódio, o rancor, a mágoa.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

Além de tudo, estudos científicos comprovam que o aparecimento de certas doenças físicas pode estar relacionado ao sentimento humano. Nossos pensamentos funcionam como emissores e receptores de energia. Se alimentamos o egoísmo, o ódio, o orgulho e o rancor, certamente atraímos energias maléficas para o nosso corpo e o nosso espírito, abrimos portas aos obsessores.

O perdão sincero é capaz de proporcionar aquilo que chamamos de **“paz de espírito”**, ou seja, nos garante a consciência tranquila, livre de paixões nocivas, conseqüentemente, diminuindo o risco de doenças.

Mas o perdão também é importante para aquele que é perdoado. Todos nós somos Espíritos em evolução e na busca pela perfeição cometemos erros. Há de se considerar que o erro é necessário para o nosso aprendizado. Nem sempre a intenção do ofensor é nos prejudicar e é necessário dar a ele uma nova oportunidade, assim como a Providência Divina proporciona a todos nós, cada vez que reencarnamos. Onde estaria a justiça de Deus se não houvesse uma chance de correção?

Às vezes, o peso da culpa é muito maior que o ato praticado. A própria consciência nos cobra a regeneração diante das falhas.

É possível perdoar no plano espiritual?

Sem dúvidas! Existem vários registros de reconciliação na erraticidade, contudo, os próprios Espíritos envolvidos setem a necessidade de estagiar em uma nova existência, a fim de cultivar o amor entre si. Este fato pode explicar alguns casos onde há relações conturbadas entre pais e filhos, marido e mulher, irmãos etc.: onde esses indivíduos manifestam uma repulsa mútua, aparentemente inexplicável. É natural que renasçam todos no mesmo seio familiar, para que aprendam a desenvolver o amor e o respeito.

Em algumas situações, as desavenças se arrastam por várias existências, o que acaba causando grande sofrimento a ambas as partes. Geralmente nesses casos desenvolve-se uma relação de obsessão recíproca, acometendo tanto os Espíritos encarnados, quanto os desencarnados. É preciso entender que nossos inimigos não desaparecem com a morte, portanto, não há tempo a perder quando o assunto é perdoar. Quanto mais cedo entendermos esse mecanismo, menos dolorosos serão os nossos débitos.

“Perdoa agora, enquanto a oportunidade de reaproximação te favorece os bons desejos porque, provavelmente, amanhã, o ensejo luminoso terá passado e não encontrarás, ao redor de ti senão a cinza do arrependimento e o choro amargo da inútil lamentação.”

Dez passos para a prática do perdão.

1. O primeiro passo é compreender que somos Espíritos imperfeitos. Se erramos, automaticamente damos o direito a outras pessoas de errarem.
2. Coloque-se no lugar do outro. Qual seria a sua atitude na inversão dos papéis?
3. Seja compreensivo. Quais foram as causas que levaram seu algoz a ter este tipo de conduta?
4. Entenda que perdoar também é caridade. Praticando o perdão você é capaz de se tornar uma pessoa melhor e proporcionar o mesmo ao ofensor.
5. Leve em consideração que o maior perdão é concedido por Deus. Se Ele perdoa, quem somos nós para não perdoar?
6. Não procure fazer justiça com as próprias mãos. Nós não temos o direito de julgar. A Providência Divina se encarrega dos reajustes.
7. Perdoe com o coração e não com a boca. Deus conhece nossas intenções.
8. Procure compreender que a ofensa não é maldade e, sim, ignorância. Aquele que ofende ainda não desenvolveu o amor e o respeito.
9. Não discuta, valorize o diálogo. Muitas vezes as ofensas não passam de palavras mal colocadas.
10. Perdoe a si mesmo. Pode ser que a origem da sua mágoa esteja dentro de você.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

Para nós espíritas, a responsabilidade se torna maior. Não podemos alegar posteriormente que agimos por ignorância.
Perdoe sempre!.

“Espíritas, não vos olvideis de que, tanto em palavras como em atos, o perdão das injúrias nunca deve reduzir-se a uma expressão vazia. Se vos dizeis espíritas, sede-o de fato: esquecei o mal que vos tenham feito, e pensai apenas numa coisa: no bem que possais fazer. Aquele que entrou nesse caminho não deve afastar-se dele, nem mesmo em pensamento, pois sois responsáveis pelos vossos pensamentos, que Deus conhece. Fazei, pois, que eles sejam desprovidos de qualquer sentimento de rancor. Deus sabe o que existe no fundo do coração de cada um. Feliz aquele que pode dizer cada noite, ao dormir: Nada tenho contra meu próximo.”

SIMEÃO (Bordeaux, 1862 – Extraído de O Evangelho segundo o Espiritismo.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

Edital

Nº 207 – 01/05/2011

O Consolador

III. Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra

O que é capaz de fazer aquele que não perdoa

É conhecida uma frase de Allan Kardec, que consta do livro “**Obras Póstumas**”, em que o Codificador diz que o homem frequentemente é o obsessivo de si mesmo.

Certos estados doentes – diz ele – e certas aberrações que atribuem a uma causa oculta devem-se, por vezes, simplesmente ao Espírito do próprio indivíduo. As contrariedades que mais comumente cada um concentra em si mesmo, sobretudo os desgostos amorosos, podem levar o indivíduo a cometer muitos atos excêntricos que erraríamos em levar à conta da obsessão.

Parece que está aí, finalmente, a explicação dos lamentáveis episódios que ocorreram no dia 7 de abril na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, no Rio de Janeiro, protagonizados pelo jovem Wellington Menezes de Oliveira.

Textos escritos pelo rapaz, e divulgados semanas depois comprovaram que ele agiu movido pelo sentimento de vingança de algo que se deu naquele mesmo ambiente, quando tinha aproximadamente a idade das 12 vítimas do seu deslucado gesto.

A ocorrência nos traz, além do sofrimento que acometeu inúmeras famílias, diversas lições. A primeira delas lembra-nos as inúmeras advertências feitas por Jesus a propósito da importância do perdão.

Quem não perdoa acarreta para si mesmo consequências ruins, não somente para o físico, visto que o ressentimento e o ódio encontram-se na raiz de inúmeras doenças, mas também para a alma, que pode perturbar-se com os próprios pensamentos e agir de forma irresponsável, como explicou Allan Kardec no texto que acima recordamos.

Ensina a doutrina espírita que a vingança é, ainda a causa da maioria dos casos de obsessão, especialmente dos mais dolorosos que podem acometer a criatura humana.

Numa das melhores obras de autoria de Jesus Gonçalves (Espírito), o romance intitulado “**Perdoa**” psicografia da médium Célia Xavier Camargo, é possível verificar que a condição pós-morte do criminoso que sinceramente se arrepende é muito melhor do que a situação da vítima que não consegue perdoar. Se tal fato se dá quando estão desencarnados, é fácil entender que isso pode também ocorrer quando estão encarnados.

Tal seria, com certeza, o caso do jovem Wellington, e isso é perceptível à vista do que deixou publicado, o que – se assimilarmos bem a lição – deve reforçar na sociedade em que vivemos o sentimento de que o perdão é a única atitude que devemos tomar diante das ofensas e das agressões recebidas, porquanto sabemos que, em face da Lei de Deus, é melhor sofrer a agressão do que sermos nós o agressor.

As palavras de Jesus, que tantas vezes já ouvimos, devem, pois, ecoar para sempre nas nossas mentes e nos nossos corações:

-Antes de depositar a tua oferenda, volta e reconcilia-te com o teu adversário enquanto estais a caminho.

-Perdoa não sete vezes, mas setenta vezes sete.

-Se alguém te obrigar a andar mil passos, anda dois mil.

-Se uma pessoa te bater na face direita, oferece-lhe a esquerda.

-Ama os teus inimigos, ora por aqueles que te perseguem e caluniam.

-Pai, perdoa-nos as nossas dívidas assim como perdoamos aos nossos devedores.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

4. Instruções dos Espíritos

1. A vingança

9. A vingança é um dos últimos remanescentes dos costumes bárbaros que tendem a desaparecer dentre os homens. É, como o duelo, um dos derradeiros vestígios dos hábitos selvagens sob cujos guantes se debatia a Humanidade, no começo da era cristã, razão por que a vingança constitui indício certo do estado de atraso dos homens que a ela se dão e dos Espíritos que ainda as inspirem. Portanto, meus amigos, nunca esse sentimento deve fazer vibrar o coração de quem quer que se diga e proclame espírita. Vingar-se é, bem o sabeis, tão contrário àquela prescrição do Cristo: “Perdoai aos vossos inimigos”, que aquele que se nega a perdoar não somente não é espírita como também não é cristão. A vingança é uma inspiração tanto mais funesta, quanto tem por companheiras assíduas a falsidade e a baixeza. Com efeito, aquele que se entrega a essa fatal e cega paixão quase nunca se vinga a céu aberto. Quando é ele o mais forte, cai qual fera sobre o outro a quem chama seu inimigo, desde que a presença deste último lhe inflame a paixão, a cólera, o ódio. Porém, as mais das vezes assume aparências hipócritas, ocultando nas profundezas do coração os maus sentimentos que o animam. Toma caminhos escusos, segue na sombra o inimigo, que de nada desconfia, e espera o momento azado para sem perigo feri-lo. Esconde-se do outro, espreitando-o de contínuo, prepara-lhe odiosas armadilhas e, em sendo propícia a ocasião, derrama-lhe no copo o veneno. Quando seu ódio não chega a tais extremos, ataca-o então na honra e nas afeições; não recua diante da calúnia, e suas pérfidas insinuações, habilmente espalhadas a todos os ventos, se vão avolumando pelo caminho. Em consequência, quando o perseguido se apresenta nos lugares por onde passou o sopro do perseguidor, espanta-se de dar com semblantes frios, em vez de fisionomias amigas e benevolentes que outrora o acolhiam. Fica estupefato quando mãos que se lhe estendiam, agora se recusam a apertar as suas. Enfim, sente-se aniquilado, ao verificar que os seus mais caros amigos e parentes se afastam e o evitam. Ah! o covarde que se vinga assim é cem vezes mais culpado do que o que enfrenta o seu inimigo e o insulta em plena face.

Fora, pois, com esses costumes selvagens! Fora com esses processos de outros tempos! Todo espírita que ainda hoje pretendesse ter o direito de vingar-se seria indigno de figurar por mais tempo na falange que tem como divisa: Sem caridade não há salvação! Mas, não, não posso deter-me a pensar que um membro da grande família espírita ouse jamais, de futuro, ceder ao impulso da vingança, senão para perdoar.

(Jules Olivier, Paris, 1862.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

Estudando a série André Luiz

Nº 191 – 09/01/2011

O Consolador – (Marcelo Borela de Oliveira)

IV. Instruções dos Espíritos

I. A vingança

Nos domínios da Mediunidade

A. Que palavras disse Aulus sobre a vingança e o ódio?

O diálogo foi entre ele e Anésia, a esposa enganada pelo marido.

A compaixão – sugeriu Aulus – deveria ser a sua represália, jamais a vingança.

“Consoante a lição do Mestre que hoje abraçamos, o amor deve ser nossa única atitude para com os adversários”, ponderou Aulus.

“A vingança, Anésia, é a alma da magia negra. Mal por mal significa o eclipse absoluto da razão.”

Por mais aflitiva que lhe fosse a lembrança daquela mulher, deveria recordá-la em suas preces e em suas meditações, por irmã necessitada de assistência fraterna.

Não sabemos o que nos aconteceu no passado, nem o que nos ocorrerá no futuro.

Quem terá sido ela no pretérito?

Alguém que ajudamos ou ferimos?

Quem será ela para nós no porvir?

Nossa mãe ou nossa filha?

Ditas tais palavras, Aulus pediu-lhe:

“Não condene! O ódio é como o incêndio que tudo consome mas o amor sabe como apagar o fogo e reconstruir.”

(Nos Domínios da Mediunidade, cap. 20 p 194 a 196)

B. Por que a oração é sempre um recurso importante?

A prece é uma luz abençoada porque assimila correntes superiores de força mental que nos auxiliam no resgate ou na ascensão.

No caso Anésia, Aulus explicou: **“Encontramos aqui precioso ensinamento acerca da oração... Anésia, mobilizando-a, não conseguiu modificar os fatos em si, mas logrou modificar a si mesma.**

As dificuldades presentes não se alteraram.

Jovino continua em perigo, a casa prossegue ameaçada em seus alicerces morais, a velhinha doente aproxima-se da morte, entretanto, nossa irmã recolheu expressivo coeficiente de energias para aceitar as provações que lhe cabem, vencendo-as com paciência e valor.

E um Espírito transformado, naturalmente, transforma as situações.”

(Obra citada, cap. 20 p 196 a 198)

C. Dona Elisa, cujo estado se agravava, sentia a presença de seu filho Olímpio (o filho desencarnado) a seu lado. Ele estava ali realmente?

Sim. Dona Elisa disse à filha: **“Meu filho desceu do Céu e veio buscar-me..Não tenho dúvida...é meu filho,...sim...meu filho...”.**

Anésia acreditou no que ouvia, mas convidou a genitora ao serviço da prece, o que se fez, sob a assistência de Teonília, a esforçar-se por envolver a velhinha em fluídos calmantes.

André observou, então, que Olímpio, o rapaz assassinado noutro tempo, jungia-se à mãe, à maneira de planta parasitária asfixiando um arbusto raquítico.

Dona Elisa supunha fosse o filho um gênio guardião, quando a realidade é que ele se deixara dominar, mesmo depois da morte carnal, pelo vício da embriaguez.

(Obra citada, cap 20 p 201 a 202).

Vingança

“A sede de vingança é lamentável conduta espiritual que termina por afligir aquele que a vitaliza (dá força) interiormente.” – Joanna de Ângelis.

A revista VEJA, edição 2281, de 8 de agosto de 2012, páginas 152 a 158, traz uma abordagem sobre sentimento de vingança utilizado em muitas telenovelas que atingem um alto índice de audiência. Inclusive um desses teledramas que está sendo exibido por uma determinada emissora, atinge oito de dez lares pesquisados no horário, por estabelecer sintonia com os sentimentos que abrigamos dentro de nós, apesar de mais de dois mil anos de Cristianismo que nos orienta, através da figura excelsa de Jesus, que devemos nos reconciliar o mais cedo possível com os nossos adversários.

A manutenção dessas desavenças e da busca pela vingança atravessa séculos e séculos, impondo ao vingador e a sua vítima a mesma quantidade de tempo de sofrimentos indescritíveis através do fenômeno descrito e documentado pela Doutrina Espírita, que é a obsessão em seus mais variados níveis de envolvimento.

Segundo dados contidos nessa reportagem da revista, uma experiência conduzida em 2004 pela Universidade de Zurique, na Suíça, demonstrou que a vingança desencadeia um efeito concreto no organismo.

Com o uso de exames de ressonância magnética, constatou-se que a satisfação desse desejo ativa a área do córtex cerebral relacionada à sensação de recompensa, aliás, uma das regiões mais primitivas e ancestrais do cérebro humano.

Assim como ocorre quando se ingerem doces, se faz sexo ou se usam drogas, a vingança provocaria uma descarga de um hormônio ligado ao bem-estar, a dopamina.

A Vingança, continua a mesma reportagem, é a justiça em estado bruto – como resume o filósofo Denis Rosenfield.

Já o filósofo inglês Francis Bacon, no século XVI, classifica a vingança como a justiça selvagem.

Quando a impunidade ocorre, por exemplo, ela exacerba o sentimento de vingança como ocorre em muitos crimes, infelizmente, ainda hoje em dia, embora os maiores recursos técnicos na busca de provas que incriminem o culpado.

Entretanto, graças ao código penal vigente, os advogados habilitados conseguem uma interpretação, dentro da própria lei, para livrar ou atenuar a pena dos seus clientes.

A mais antiga tentativa conhecida para equacionar a questão das desavenças entre os seres humanos é a lei de talião, descrita no chamado Código de Hamurábi, embrionária peça de direito oriundo da Babilônia e datada do ano 1780 A.C.

Essa lei preconiza o famoso “olho por olho, dente por dente” que Jesus veio transformar no amor aos inimigos.

Ele nos propõe a reconciliação enquanto estamos em trânsito junto àqueles a quem ofendemos, evitando a perpetuação do ódio e a sua transferência de uma existência para outra.

Conforme nos explica a Doutrina Espírita, morta a cobra não está morto o veneno, ou seja, com a desencarnação, o ódio continua nos sentimentos daquele e quem ferimos, voltando-o contra nós em algum momento de nossa existência, no exercício da vingança através dos fenômenos obsessivos de triste curso, geradores de grandes sofrimentos e difíceis soluções.

A transferência de justiça para as mãos de um código penal já foi uma grande evolução conseguida pela Humanidade que trocou o **“dente por dente, olho por olho”**, por leis onde o julgamento não fica restrito na perigosa faixa entre duas pessoas: o agressor e o agredido.

O aperfeiçoamento gradativo desse código e a sua aplicação funcionarão como um remédio salutar contra o sentimento de vingança.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

Na medida em que a impunidade for sendo eliminada e o culpado justificado com base nas provas levantadas, um sentimento de paz e confiança se instalará entre os homens, dando condições de que as orientações de Jesus se instalem nos corações feridos reciprocamente.

Enquanto isso não ocorre, como ensina Joanna de Ângelis, o outro, o inimigo, experimenta qualquer desar, tormento ou provação, o enfermo que se lhe opõe experimenta uma alegria íntima muito grande como compensação da inferioridade na qual estagia.

É exatamente nesse sentimento de alegria interior que a desgraça do agressor causa à sua vítima que poderemos entender como podemos amar ao inimigo no atual estágio evolutivo em que nos encontramos. Amar ao inimigo, na atualidade de nossa evolução moral, é não nos sentirmos felizes quando esse inimigo estiver recolhendo da vida, através da dor, aquilo que livremente semeou.

Para a imensa maioria da Humanidade atual, essa é a maneira de amar aqueles que nos causaram algum mal. Amar verdadeiramente, como Jesus nos orientou, ainda é impossível, pelo menos para grande parte da população terrestre.

Lembremos que o teledrama que aborda a vingança e que está sendo exibido por um dos canais de televisão atinge um elevado índice de oito lares em cada dez pesquisados.

O porquê dessa audiência, dessa afinidade com o tema é exatamente o prazer citado pela experiência conduzida na Universidade de Zurique, através da liberação da dopamina no córtex cerebral das pessoas. E isso considerando que esses lares estão assistindo apenas uma ficção. Imaginem se estivessem envolvidos em um drama real!

Enquanto não conseguimos amar àqueles que nos ofendem, reconfortemo-nos com as explicações de Jesus no auge de sua agonia:

“Pai, perdoai-lhes, porque eles não sabem o que fazem.”

E como, realmente, não sabemos!

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

4. Instruções dos Espíritos 2. O ódio

10. Amai-vos uns aos outros e sereis felizes. Tomai sobretudo a peito amar os que vos inspiram indiferença, ódio, ou desprezo. O Cristo, que deveis considerar modelo, deu-vos o exemplo desse devotamento. Missionário do amor, ele amou até dar o sangue e a vida por amor. Penoso vos é o sacrifício de amardes os que vos ultrajam e perseguem; mas, precisamente, esse sacrifício é que vos torna superiores a eles. Se os odiásseis, como vos odeiam, não valeríeis mais do que eles. Amá-los é a hóstia imácula que oferecis a Deus na ara dos vossos corações, hóstia de agradável aroma e cujo perfume lhe sobe até o seio. Se bem a lei de amor mande que cada um ame indistintamente a todos os seus irmãos, ela não couraça o coração contra os maus procederes; esta é, ao contrário, a prova mais angustiosa, e eu o sei bem, porquanto, durante a minha última existência terrena, experimentei essa tortura. Mas Deus lá está e pune nesta vida e na outra os que violam a lei de amor. Não esqueçais, meus queridos filhos, que o amor aproxima de Deus a criatura e o ódio a distância dele.
(Fénelon, Bordéus, 1861.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

Crônicas e Artigos

Nº 130 – 25/10/2009

O Consolador – Fonte Viva (Emmanuel)

IV. Instruções dos Espíritos

II. O ódio

Amor e ódio

“Sai, cada dia, de ti mesmo, e busca sentir a dor do vizinho, a necessidade do próximo, as angústias do teu irmão e ajuda quanto possas.”

(Emmanuel.)

As horas de cada dia são sempre as mesmas, contam com sessenta minutos que podemos transformar em notáveis oportunidades de serviço em favor do próximo e da nossa felicidade ou direcioná-los, inadequadamente, na criação de infortúnios e aflições.

A força que usamos para socorrer é a mesma que utilizamos para ferir, obviamente. Tudo vai depender da direção que dermos a ela.

A mão que gentilmente oferece uma flor, gerando simpatia e gratidão, mudando de rumo, pode agredir, fazendo nascer uma situação de sofrimento e desagrado.

Agindo com amor, ante os desequilíbrios de um familiar que insiste em nos causar problemas, amenizaremos o conflito; atuando com ódio, estaremos, colocando mais combustível na fogueira dos desentendimentos.

Agindo com amor, compreenderemos as dores que torturam aqueles que seguem pela vida num clima de insatisfação; atuando com ódio, contribuiremos para que seus males cresçam.

Agindo com amor, saberemos como amparar uma criança que caminha dentro da indiferença e do abandono, atuando com ódio, apenas veremos nela um futuro delinquente com potencialidades para o crime.

Agindo com amor, observaremos o desempenho como alguém que se esforça para obter nova ocupação; atuando com ódio, identificaremos nele um desocupado e vadio a pesar na economia da comunidade.

Agindo com amor, teremos a oportunidade de reconhecer as dificuldades da mãe que, na escassez de recursos, não consegue alimentar devidamente seus filhos; atuando com ódio, nossa visão obscura a identificará como alguém a enegrecer o quadro social.

Agindo com amor, reconheceremos a necessidade de contribuir para a melhoria da sociedade; atuando com ódio, transferiremos a responsabilidade de fazer um mundo melhor apenas para os que governam.

Agindo com amor, utilizaremos nossas horas de folga para servir aos necessitados; atuando com ódio, gastaremos todo o nosso tempo criando problemas e aflições para nós mesmos.

Agindo com amor, em quaisquer circunstâncias, reuniremos plenas condições de viver em paz, laborando para a construção da nossa felicidade; atuando com ódio, plantaremos as sementes do sofrimento, fazendo nascerem os espinheiros da dor que se responsabilizarão pelas nossas amarguras.

Amar ou odiar – A deliberação será sempre de cada um, pois temos total liberdade de escolha.

A mesma força que utilizamos para amar, mudando de direção, dentro da nossa preferência, podemos usá-la para odiar, e, dentro da expressão evangélica: **“é dando que se recebe”**, não teremos dúvida em concluir, conhecendo a lei de **“Ação e reação”** ou de **“causa e efeito”**, quais serão os reflexos que vamos colher.

Amor e ódio caminham muito próximos.

O primeiro nos colocará na plenitude do equilíbrio e do bem-estar, o segundo nos situará na plataforma dos desajustes e da dor.

Obviamente, a decisão é nossa.

Um sonho sobre raiva e o perdão

Os anjos aparecem em sonhos. Nossos avós já diziam isso.

Esta noite um anjo me veio falar sobre a raiva e o perdão.

Tudo bem – Nada me garante que tenha sido realmente um anjo. Era uma linda mulher. Uma mulher angelical.

Vou tentar transmitir o que, tão singelamente, aquele anjo feminino me falou.

Quando um espinho rasga nossa carne e se aloja nela, dói muito. Imagine um espinho embaixo do pé. Se tentarmos caminhar com ele, dói demais e certamente a ferida irá, piorar.

Podemos chamar o espinho de raiva.

Uma pessoa inteligente procura retirar o espinho e trata o ferimento até que cicatrize. Toma todos os cuidados necessários para não sentir dor.

A pessoa inteligente não espera o espinho gerar inflamações, gerar problemas graves.

Alguém verdadeiramente sábio não deixa a emoção da raiva tornar-se sentimento de ódio.

A raiva é retirada com todo o cuidado, com todo o zelo. Através de um “diálogo” – É uma partida suave. Ela vai embora, pois um belo instrumento cirúrgico é usado: a razão.

A razão diz: **“não mantenha esse espinho aí. Ele só piorará a situação. Só machucará mais, perturbará mais, podendo até gerar um câncer.”**

A mente pouco sábia (nada sábia, aliás) vai caminhar com o espinho, vai tentar até fazer de conta que ele não está ali, agravando mais e mais a situação.

A sabedoria está em retirar o espinho.

E o perdão?

O perdão consiste em retirar o espinho. Livrar-se da raiva é perdoar. Perdoar a situação. Perdoar quem nos magoou.

Perdoar a nós mesmos. Perdoar aos objetos (tem gente que não perdoa o martelo que bateu em seu dedo, digo, o martelo que a própria pessoa usou para agredir o próprio dedo).

A sabedoria faz com que o perdão venha mais rápido. Não vamos esquecer o ocorrido. Toda a experiência é aprendizado, mas vamos retirar o espinho, a raiva. Vamos abrir mão do rancor.

Quando abrimos mão da raiva a cicatrização é mais rápida. O perdão controla os anticorpos que apressam a regeneração.

Infelizmente somos pouco sábios.

Normalmente, quando se trata de sentimentos, preferimos sofrer. Não deixamos feridas cicatrizarem. Estamos sempre dando um jeito de deixar a ferida aberta, mal curada, dolorida.

É o ego que fala mais alto. Não a sabedoria. O orgulho inibe a inteligência. Preferimos sofrer a perdoar o outro. Mas apenas o perdão faz cessar o sofrimento. Enquanto vamos alimentando ódio e desejo de vingança a nossa vida vai se tornando um inferno.

Algumas pessoas acham que, se perdoarem, estarão, beneficiando o criminoso. O perdão é contra a justiça. Ele é contrário à vingança que confundimos quase sempre com justiça.

Outros acreditam que ao perdoar estarão, atestando burrice. E logo alguém irá, abusar novamente. A sabedoria deve ser usada para o perdão e também para a autopreservação.

Perdoar não é dizer: faça novamente. Ou dar ao agressor o mesmo tratamento que se dá aos que nunca aproveitaram mal a nossa confiança.

Dizem que os inteligentes não perdoam. Vale a pena pensar no que a alma angelical me transmitiu no sonho.

Não sei quem explicaria melhor esse sonho, se Freud ou Allan Kardec, apenas sei que nunca vou esquecer que tolo é quem tenta caminhar um longo percurso com um espinho no pé.

“O ódio e o rancor denotam alma sem elevação, nem grandeza.”

(O Evangelho segundo o Espiritismo. Cap. X, item 4.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

4. Instruções dos Espíritos

3. O duelo

11. Só é verdadeiramente grande aquele que, considerando a vida uma viagem que o há de conduzir a determinado ponto, pouco-caso faz das asperezas da jornada e não deixa que seus passos se desviem do caminho reto. Com o olhar constantemente dirigido para o termo a alcançar nada lhe importa que as urzes e os espinhos ameacem produzir-lhe arranhaduras; umas e outras lhe roçam a epiderme, sem o ferirem, nem impedirem de prosseguir na caminhada. Expor seus dias para se vingar de uma injúria é recuar diante das provações da vida, é sempre um crime aos olhos de Deus; e, se não fôsseis, como sois, iludidos pelos vossos prejuízos, tal coisa seria ridícula e uma suprema loucura aos olhos dos homens.

Há crimes no homicídio em duelo; a vossa própria legislação o reconhece. Ninguém tem o direito, em caso algum, de atentar contra a vida de seu semelhante: é um crime aos olhos de Deus, que vos traçou a linha de conduta que tendes a seguir. Nisso, mais do que em qualquer outra circunstância, sois juízes em causa própria. Lembra-vos de que somente vos será perdoado, conforme perdoardes; pelo perdão vos acercais da Divindade, pois a clemência é irmã do poder. Enquanto na Terra correr uma gota de sangue humano, vertida pela mãos dos homens, o verdadeiro Reino de Deus ainda se não terá implantado aí, reino de paz e amor, que há de banir para sempre do vosso planeta a animosidade, a discórdia, a guerra. Então, a palavra duelo somente existirá na vossa linguagem como longínqua e vaga recordação de um passado que se foi. Nenhum outro antagonismo existirá entre os homens, afora a nobre rivalidade do bem. (Adolfo, bispo de Argel, Marmande, 1861.)

12. Em certos casos, sem dúvida, pode o duelo constituir uma prova de coragem física, de desprezo pela vida, mas também é incontestavelmente, uma prova de covardia moral, como o suicídio. O suicida não tem coragem de enfrentar as vicissitudes da vida; o duelista não tem a de suportar as ofensas. Não vos disse o Cristo que há mais honra e valor em apresentar a face esquerda àquele que bateu na direita, do que em vingar uma injúria? Não disse a Pedro, no Jardim das Oliveiras: “Mete a tua espada na bainha, porquanto aquele que matar com a espada perecerá pela espada?” Assim falando, não condenou, para sempre, o duelo? Efetivamente, meus filhos, que é essa coragem oriunda de um gênio violento, de um temperamento sanguíneo e colérico, que ruge à primeira ofensa? Onde a grandeza da alma daquele que à menor injúria, entende que só com sangue a poderá lavar? Ah! Que ele trema! No fundo da sua consciência, uma voz lhe bradará sempre: Caim! Caim! Que fizeste de teu irmão? Foi-me necessário derramar sangue para salvar a minha honra, responderá ele a essa voz. Ela, porém retrucará: Procuraste salvá-la perante os homens, por alguns instantes que te restavam de vida na Terra, e não pensaste em salvá-la perante Deus! Pobre louco! Quanto sangue exigiria de vós o Cristo, por todos os ultrajes que recebeu! Não só o feristes com os espinhos e a lança, não só o pregastes num madeiro infamante, como também os fizestes ouvir, em meio de sua agonia atroz, as zombarias que lhe prodigalizastes. Que reparação a tantos insultos vos pediu Ele? O último brado do cordeiro foi uma súplica em favor dos seus algozes! Oh! Como Ele, perdoai e orai pelos que vos ofendem.

Amigos, lembrai-vos deste preceito: “Amái-vos uns aos outros” e, então, a um golpe deferido pelo ódio respondereis com um sorriso, e ao ultraje com o perdão. O mundo, sem dúvida, se levantará furioso e vos tratará de covardes; erguei bem alto a frente e mostrai que também ela se não temeria de cingir-se de espinhos, a exemplo do Cristo, mas, que a vossa mão não quer ser cúmplice de um assassinio autorizado por falsos ares de honra, que, entretanto, não passa de orgulho e amor-próprio. Dar-se-á que, ao criar-vos, Deus vos outorgou o direito de vida e de morte, uns sobre os outros? Não, só a Natureza conferiu Ele esse direito, para se reformar e reconstruir; quanto a vós, não permite, sequer, que disponhais de vós mesmos. Como o suicida, o duelista se achará marcado com sangue, quando comparecer perante Deus, e a um e outro o Soberano Juiz reserva rudes e longos castigos. Se Ele ameaçou com a sua justiça aquele que disser raca a seu irmão, quão mais severa não será a pena que comine ao que chegar à sua presença com as mãos tintas do sangue de seu irmão!

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

(Santo Agostinho, Paris, 1862.)

13. O duelo, como o que outrora se denominava o juízo de Deus, é uma das instituições bárbaras que ainda regem a sociedade. Que diríeis, no entanto, se vísseis dois adversários mergulhados em água fervente ou submetidos ao contacto de um ferro em brasa, para ser dirimida a contenda entre eles, reconhecendo-se estar a razão com aquele que melhor sofresse a prova? Qualificaríeis de insensatos esses costumes, não é exato? Pois o duelo é coisa pior do que tudo isso. Para o duelista destro, é um assassinio praticado a sangue frio, com toda a premeditação que possa haver, uma vez que ele está certo da eficácia do golpe que desfechará. Para o adversário, quase certo de sucumbir em virtude de sua fraqueza e inabilidade, é um suicídio cometido com a mais fria reflexão. Sei que muitas vezes se procura evitar essa alternativa igualmente criminosa, confiando ao acaso a questão: mas, não é isso voltar, sob outra forma, ao juízo de Deus, da Idade Média? E nessa época infinitamente menor era a culpa. A própria denominação de juízo de Deus indica a fé, ingênua, é verdade, porém, afinal, fé na justiça de Deus, que não podia consentir sucumbisse um inocente, ao passo que, no duelo, tudo se confia à força bruta, de tal sorte que não raro é o ofendido que sucumbe.

Ô estúpido amor-próprio, tola vaidade e louco orgulho, quando sereis substituídos pela caridade cristã, pelo amor do próximo e pela humildade que o Cristo exemplificou e preceituou? Só quando isso se der desaparecerão esses preceitos monstruosos que ainda governam os homens, e que as leis são impotentes para reprimir, porque não basta interditar o mal e prescrever o bem; é preciso que o princípio do bem e o horror ao mal morem no coração do homem.

(Um Espírito protetor, Bordeaux, 1861.)

14. Que juízo farão de mim, costumais dizer, se eu recusar a reparação que se me exige, ou se não a reclamar de quem me ofendeu? Os loucos como vós, os homens atrasados vos censurarão; mas os que se acham esclarecidos pelo facho do progresso intelectual e moral dirão que procedeis de acordo com a verdadeira sabedoria. Refleti um pouco. Por motivo de uma palavra dita às vezes impensadamente, ou inofensiva, vinda de um dos vossos irmãos, o vosso orgulho se sente ferido, respondeis de modo acre e daí uma provocação. Antes que chegue o momento decisivo, inquiris vós mesmos se procedeis como cristão? Que contas ficareis devendo à sociedade, pôr a privardes de um de seus membros? Pensastes no remorso que vos assaltará, por haverdes roubado a uma mulher o marido, a uma mãe o filho, ao filho o pai que lhe servia de amparo? Certamente, o autor da ofensa deve uma reparação; porém, não lhe será mais honesto dá-la espontaneamente, reconhecendo suas falhas, do que expor a vida daquele que tem direito de se queixar? Quanto ao ofendido, convenho em que, algumas vezes, por ele achar-se gravemente ferido, ou em sua pessoa, ou nas dos que lhe são mais caros, não está em jogo somente o amor-próprio: o coração se acha magoado, sofre. Mas, além de ser estúpido arriscar a vida, lançando-se contra um miserável capaz de praticar infâmias, dar-se-á que, morto este, a afronta, qualquer que seja, deixa de existir? Não é exato que o sangue derramado imprime retumbância maior a um fato que, se falso, cairia por si mesmo, e que, se verdadeiro, deve ficar sepultado no silêncio? Nada mais restará, pois, senão a satisfação de sede de vingança. Ah! Triste satisfação que quase sempre dá lugar, já nesta vida, a causticantes remorsos. Se é o ofendido que sucumbe, onde a reparação?

Quando a caridade regular a conduta dos homens, eles conformarão seus atos e palavras a esta máxima: “Não façais aos outros o que não quizerdes que vos façam.” Verificando-se isso, desaparecerão todas as causas de dissensões e, com elas, as dos duelos e das guerras, que são os duelos de povo a povo.

(Francisco Xavier, Bordeaux, 1861.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

15. O homem do mundo, o homem venturoso, que por uma palavra chocante, uma coisa ligeira, joga a vida que lhe veio de Deus, joga a vida do seu semelhante, que só a Deus pertence, esse é cem vezes mais culpado do que o miserável que, impelido pela cupidez, algumas vezes pela necessidade, se introduz numa habitação para roubar e matar os que se lhe opõem aos desígnios. Trata-se quase sempre de uma criatura sem educação, com imperfeitas noções do bem e do mal, ao passo que o duelista pertence, em regra, à classe mais culta. Um mata brutalmente, enquanto que o outro o faz com método e polidez, pelo que a sociedade o, desculpa. Acrescentarei mesmo que o duelista é infinitamente mais culpado do que o desgraçado que, cedendo a um sentimento de vingança, mata num momento de exasperação. O duelista não tem por escusa o arrebatamento da paixão, pois que, entre o insulto e a reparação, dispõe ele sempre de tempo para refletir. Age, portanto, friamente e com premeditado desígnio; estuda e calcula tudo, para com mais segurança matar o seu adversário. É certo que também expõe a vida e é isso o que reabilita o duelo aos olhos do mundo, que nele então só vê um ato de coragem e pouco, caso da vida. Mas, haverá coragem da parte daquele que está seguro de si? O duelo, remanescente dos tempos de barbárie, em os quais o direito do mais forte constituía a lei, desaparecerá por efeito de uma melhor apreciação do verdadeiro ponto de honra e à medida que o homem for depositando fé mais viva na vida futura.

(**Agostinho**, Bordeaux, 1861.)

16. NOTA. Os duelos se vão tornando cada vez mais raros e, se de tempos a tempos alguns de tão dolorosos exemplos se dão, o número deles não se pode comparar com o dos que ocorriam outrora. Antigamente, um homem não saía de casa sem prever um encontro, pelo que tomava sempre as necessárias precauções. Um sinal característico dos costumes do tempo e dos povos se nos depara no porte habitual, ostensivo ou oculto, de armas ofensivas ou defensivas. A abolição de semelhante uso demonstra o abrandamento dos costumes e é curioso acompanhar-lhes a gradação, desde a época em que os cavaleiros só cavalgavam bardados de ferro e armados de lança, até a em que uma simples espada à cinta constituía mais um adorno e um acessório do brasão, do que uma arma de agressão. Outro indício da modificação dos costumes está em que, outrora, os combates singulares se empenhavam em plena rua, diante da turba, que se afastava para deixar livre o campo aos combatentes, ao passo que estes hoje se ocultam. Presentemente, a morte de um homem é acontecimento que causa emoção, enquanto que, noutros tempos, ninguém dava atenção a isso.

O Espiritismo apagará esses últimos vestígios da barbárie, incutindo nos homens o espírito de caridade e de fraternidade.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

Estudo Metódico do Pentateuco Kardequiano IV. Instruções dos Espíritos

Nº 237 – 27/11/2011

III. O duelo

O Consolador – (Astolfo de Oliveira Filho)

O Livro dos Espíritos (Allan Kardec)

A. Por que existem as guerras?

R. A guerra é o resultado direto da predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e do transbordamento das paixões. No estado de barbárie, os povos só conhecem o direito da força. À medida que o homem progride, a guerra se torna menos frequente, porque ele procura evitar-lhe as causas.

A guerra desaparecerá da face da Terra quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus.

Nessa época, então, todos os povos serão irmãos.

(O Livro dos Espíritos, questões 742 a 745.)

B. Como se explica que nas civilizações mais adiantadas ainda se encontrem, às vezes, criaturas tão cruéis quanto selvagens?

R. Do mesmo modo que numa árvore carregada de bons frutos se encontram verdadeiros abortos.

Essas criaturas são selvagens que da civilização só têm o exterior, lobos extraviados em meio de cordeiros.

Espíritos de ordem inferior e muito atrasados podem encarnar entre os homens adiantados, na esperança de também se adiantarem; mas, se a prova que enfrentam é por demais pesada, predomina neles a natureza primitiva.

(Obra citada, questões 753 a 756.)

C. Qual é a posição espírita acerca da pena de morte?

R. A pena de morte é um equívoco que um dia desaparecerá e sua supressão assinalará um progresso da Humanidade. Quando os homens estiverem mais esclarecidos, ela será completamente abolida na Terra.

(Obra citada, questões 760 a 765.)

D. Ao asseverar: **“Quem matou pela espada, pela espada perecerá”**, Jesus não teria consagrado a pena de talião?

A morte imposta ao assassino não constituiria, assim, uma aplicação desse princípio?

R. É preciso cuidado com tais ideias, dizem os imortais.

Muito já nos enganamos a respeito dessas palavras, como acerca de outras. A pena de talião é a justiça de Deus.

É Deus quem a aplica.

Todos nós sofremos essa pena a cada instante, pois que somos punidos naquilo em que pecamos, nesta existência ou em outra.

Aquele que foi a causa do sofrimento para seus semelhantes virá a achar-se numa condição em que sofrerá o que tenha feito sofrer.

Este o sentido das palavras de Jesus.

Quanto à pena de morte, trata-se de um crime quando aplicada em nome de Deus.

Os que a impõem se sobre carregam de outros tantos assassinios.

(Obra citada, questão 764.)

E. Os laços de família são uma lei da natureza?

R. Sim. Há no homem alguma coisa mais, além das necessidades físicas: há a necessidade de progredir. Os laços sociais são necessários ao progresso e os de família mais apertados foram os primeiros; eis por que constituem uma lei da Natureza.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

O resultado do relaxamento dos laços de família seria uma recrudescência do egoísmo.
(Obra citada, questões 774 e 775.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XII)

Estudando as obras de Kardec

Nº 95 – 15/02/2009

O Consolador – (Astolfo de Oliveira Filho)

IV. Instruções dos Espíritos

III. O duelo

Revue Spirite de 1862 – Dissertações Espíritas – (Allan Kardec)

O duelo (Bordeaux, 21 de novembro de 1861 – Médiun: Sr. Guipon)

Considerações gerais.

O homem, ou Espírito encarnado, pode estar na Terra em missão, em progressão e em punição. Isto posto, é preciso saibais, uma vez por todas, que o estado de missão, progressão ou punição deve, sob pena de recomeçar a prova, chegar ao termo, fixado pelos desígnios da suprema justiça.

Adiantar por si mesmo, ou por provocação, o instante fixado por Deus para o retorno ao mundo dos Espíritos é, pois, enorme crime.

O duelo é ainda um crime maior, porque não só é um suicídio, mas, além disso, um assassinato premeditado.

Com efeito, pensais que o provocado e o provocador não se suicidem moralmente ao se exporem voluntariamente aos golpes mortais do adversário?

Credeis que não sejam ambos assassinos, no momento em que procuram mutuamente tirar a vida por eles mesmos escolhida ou imposta por Deus como expiação ou como prova?

Sim, eu to digo, meu amigo: os duelistas são duplamente criminosos aos olhos de Deus; duas vezes terrível será a punição, porquanto nenhuma desculpa será admitida, desde que tudo calcularam com frieza e premeditação.

Leio em teu coração, meu filho, porque também foste um pobre transviado, e eis minha resposta.

Para não sucumbir a essa terrível tentação não necessitais senão de humildade, sinceridade e caridade para com vossos irmãos em Deus.

Ao contrário, só sucumbireis pelo orgulho e pela ostentação.